

12.09.2007

Fragmentos narrativos

Cristina Canale é carioca e mora em Berlim desde a década de 1990, quando recebeu uma bolsa do Deutscher Akademischer Austausch Dienst – DAAD para estudar na Academia de Artes de Düsseldorf. Seu trabalho em desenho e pintura evoca cenas bucólicas e pequenas narrativas.

Em agosto, Cristina participou do projeto Artista Convidado do Ateliê de Iberê Camargo. Conheça mais sobre a sua produção.

Nas suas telas, são exploradas cenas cotidianas, em sua maioria imagens bucólicas, ligadas ao campo.

Onde você busca essas imagens?

É verdade, elas não são muito urbanas, elas têm sempre uma referência com a natureza. São situações lúdicas, onde podem acontecer várias fantasias. Apesar de que eu também tenho uma atração por interiores. Eu tenho desenvolvido pouco essa vertente, mas é uma outra possibilidade, que vem pra dentro. É um bucolismo interno, são interiores agradáveis, sofás, poltronas. Mas o que eu procuro é criar um contraste entre essas situações agradáveis, os parques, os interiores simpáticos, uma piscina muito atraente, com umas cenas que incomodem um pouco. Eu gosto de criar esses paralelos e de que as cenas tenham uma dubiedade.

E isso tem a ver com um mundo mais imaginativo, lúdico, ou uma batida mais infantil?

O lúdico é um pouco infantil. Eu procuro o lúdico muito nos desenhos simplificados, que lembram de uma certa forma desenhos infantis – esse mundo do primeiro olhar da criança, a inocência, a vulnerabilidade me interessa.

Essa convivência com esse mundo mais bucólico está presente na sua vida?

Eu sou uma pessoa bem urbana. Mas eu tenho uma nostalgia com essas situações mais isoladas, o campo, a natureza. Eu tenho isso, apesar de ter nascido no Rio. Vivi lá mais de 30 anos. Agora, moro em Berlim, que também é uma cidade grande. Eu nunca tive muita experiência no campo, mas ela me interessa.

Nas minhas obras, a natureza normalmente tem uma interferência humana: tem uma casa, uma piscina ou uma estrada, um barco. Sempre denuncia a presença humana, exatamente esta zona cinza entre uma paisagem totalmente agreste, isolada, e de uma totalmente urbana. O mundinho que eu gosto de escrever é justamente esse da margem.

As telas, em geral, apresentam movimento e nos remetem a pequenas histórias. Como é para ti essa questão narrativa?

Isso é uma coisa relativamente recente no meu trabalho. Quando eu comecei a achar que estava começando a formalizar muito, estava tudo muito estático, as formas estavam muito concretas, eu entrei com a figura humana. As figuras humanas no início eram estáticas, quase como uma casa, uma árvore. Então, eu comecei a perceber que uma forma de criar tensão naquela situação seria fazer um pouco mais de ação. Eu não gosto de indicar muito as ações. Mas eu gosto que o trabalho tangencie pelo menos uma narrativa. Não há grandes descrições. Fica aquele jogo entre a descrição e o pictórico. Cria-se, então, uma outra tensão na imagem, um quase-momento, parece que está acontecendo alguma coisa, mas também não se tem uma descrição muito clara do que é.

A cor é um elemento bem importante nos seus trabalhos. Como você trabalha com ela?

A palheta varia. Tem épocas que eu começo com os rosas e eles vão me puxando para um verde, para um laranja. Aí tem que dosar com um ocre. Tem certas épocas que a minha palheta se abre em uma direção. Até o presente momento, eu estava gostando de lidar com os rosas, que são uma cor difícil e isso me interessava, tem uma luminosidade perigosa. E, ela me puxa algumas outras cores para criar o plano. A cor, na verdade, é o que me ajuda a estruturar os planos, o campo pictórico mesmo, o que vai para frente, o que vai para trás, o que está brigando ali.

Como a tua formação na Alemanha teve influência no teu trabalho?

Eu estava num momento do meu trabalho, que eu estava um pouco me esgotando. Eu queria dar uma respirada, uma reciclada. Eu me inscrevi numa Bolsa na Alemanha e a minha idéia era confrontar o meu trabalho com uma outra situação. Eu até gostei porque um dos professores que tinha me aceitado era um cara mais ligado à arte conceitual, uma coisa muito diferente do que eu fazia. Eu não queria ir para um pintor. Não me interessava ir para uma onda do que eu já estava fazendo, meio ligada ao expressionismo. Eu queria um contraste. Então, além de eu estar na

Alemanha, que já é uma outra circunstância, eu morava em Berlim e tinha a bolsa em Düsseldorf, que não tinha nada a ver com o Rio de Janeiro. E a própria Academia na Alemanha não tem nada a ver com o Parque Lage, é uma hierarquia totalmente diferente. Isso, na verdade, foi muito estimulante, apesar das diferenças não serem muito fáceis de lidar, e me ajudou a fazer essa nova passagem do meu trabalho. Eu fiquei três anos com a bolsa e eu continuo achando que estar na Alemanha é muito interessante para mim. É um lugar que eu tenho muita informação, consigo trabalhar muito bem, tenho bons materiais a um preço módico, muito contato com outros artistas. Mas, eu nunca perdi o vínculo com o Brasil, estou sempre expondo, pelo menos uma vez por ano.

Como foi participar do projeto do Ateliê de Gravura?

Foi a primeira vez que eu fiz gravura na minha vida. Eu já tinha participado de um projeto na Alemanha, em que se fazia uma espécie de impressão digitalizada. Mas era diferente. Dessa vez, eu procurei adaptar o que eu faço em papel e em desenho para a mídia de gravura. E, foi ótimo, adorei. A técnica se adaptou bem para as coisas que eu penso, com os planos, como atuar nos contrastes de linha. Deu supercerto.

Impresso em 14.9.2007

http://www.iberecamargo.org.br/content/revista_nova/entrevista_integra.asp?id=202